

A MULHER DE LÓ, SOB O PÁLIO DA JUSTIÇA QUE NÃO HÁ

ADRIANE GARCIA

A mulher de Ló (Patuá, 2018), de Carlos Machado, é um livro temático, cujos poemas contam a história da figura bíblica, tendo como ponto de partida o dia fatídico em que Sodoma e Gomorra são destruídas pela ira divina e a mulher de Ló transformada em estátua de sal.

A história bíblica, por si só, é instigante, mas como aponta o próprio poeta na nota introdutória, ainda que entre religiosos, poucos conhecem verdadeiramente a Bíblia, motivo pelo qual nos faz um resumo dos acontecimentos: “Após viver algum tempo no Egito, Abraão, patriarca dos hebreus, migrou com toda a sua família para um lugar ao sul de Canaã (antiga denominação da região hoje correspondente à área do Estado de Israel, da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, e partes da Jordânia, do Líbano e da Síria). Com Abraão seguiu Ló (ou Lot), seu sobrinho, também acompanhado da família.

Abraão era muito rico, dono de numerosas cabeças de gado, ouro, prata e servos. O sobrinho era igualmente um grande proprietário. Contudo, a região onde se estabeleceram não oferecia condições para que os dois clãs permanecessem juntos. Em consequência, os pastores que cuidavam do gado de Abraão passaram a brigar com os pastores de Ló.

Tio e sobrinho concluíram que deviam se separar. Ló mudou seu acampamento e todos os seus bens para um lugar próximo à cidade de Sodoma, no vale do rio Jordão, ao sul do Mar Morto.

Sodoma e Gomorra, cidades vizinhas, eram lugares que Deus decidira varrer da face da Terra, porque seus habitantes cometiam pecados gravíssimos. É importante dizer que o texto bíblico se mostra extremamente sucinto nesse quesito. Diz apenas o seguinte, numa fala atribuída a Deus: “Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado e o seu pecado se tem agravado muito”. Não há, contudo, nenhuma especificação desse pecado. Fica-se, portanto, sem saber a natureza das faltas atribuídas aos habitantes daqueles lugares.

Abraão, que falava diretamente com Deus, tenta argumentar em defesa das duas cidades. Não seria estranho destruí-las e assim eliminar os justos lá residentes por causa dos pecadores? O Senhor assegura a Abraão que naquelas localidades não havia nenhum justo.

A destruição de Sodoma e Gomorra estava decidida.

Naturalmente, Ló e sua família, parentes de Abraão, seriam poupados do extermínio. Assim, Deus manda a Sodoma dois anjos disfarçados de homens. Ló os convida a passar a noite em sua casa. Homens da cidade, ao notar a presença dos dois forasteiros, vão à casa de Ló e tentam agredi-los.

Ló procura conversar com os sodomitas. Diz que os visitantes são seus hóspedes e devem ser deixados em paz. E propõe uma troca: os agressores esquecem os estrangeiros e podem fazer o que bem quiserem com suas duas filhas, que são virgens. Os homens de Sodoma tentam empurrar Ló e entrar na casa à força. Os anjos arrastam Ló para dentro e usam seus poderes para cegar os agressores.

Os enviados do Senhor avisam a Ló que Sodoma será destruída. Para salvar-se, ele deve reunir sua família e deixar a cidade. Ló corre já avisar os homens que estavam para se casar com suas duas filhas. Os noivos pensam que Ló está brincando e não levam a sério o alerta sobre a devastação da cidade.

Então, guiados pelos anjos, saem da cidade Ló, a mulher e as duas filhas. Os anjos dizem que é preciso seguir sempre em frente, sem parar nem olhar para trás.

Começa a destruição das duas cidades, Sodoma e Gomorra, que são atingidas por uma chuva maciça de fogo e enxofre. Não resta nada do que lá existia: prédios, moradores, bichos e plantas.

No meio do caminho, a mulher de Ló olha para trás, e é convertida instantaneamente numa estátua de sal.”

A partir dessas informações, o poeta Carlos Machado indaga a vida da mulher de Ló. O poeta não está a falar do passado, mas do seu tempo atual, utilizando-se do passado mítico. Que cidades são Sodoma e Gomorra a ponto de merecerem um castigo sumário? Que vidas habitaram as duas cidades? Quem era a mulher de Ló? Qual era o seu nome? Qual o nome das filhas de Ló? Por que os escribas se comportaram como se não houvesse voz nos vencidos?

Para tecer a poética de *A mulher de Ló*, Carlos Machado vale-se de descrições muito imagéticas. Somos levados aos lugares, cenários, situações. É possível ouvir o crepitar das chamas, sentir o calor e o cheiro de enxofre que tornam insuportável a caminhada da mulher que, desobediente,

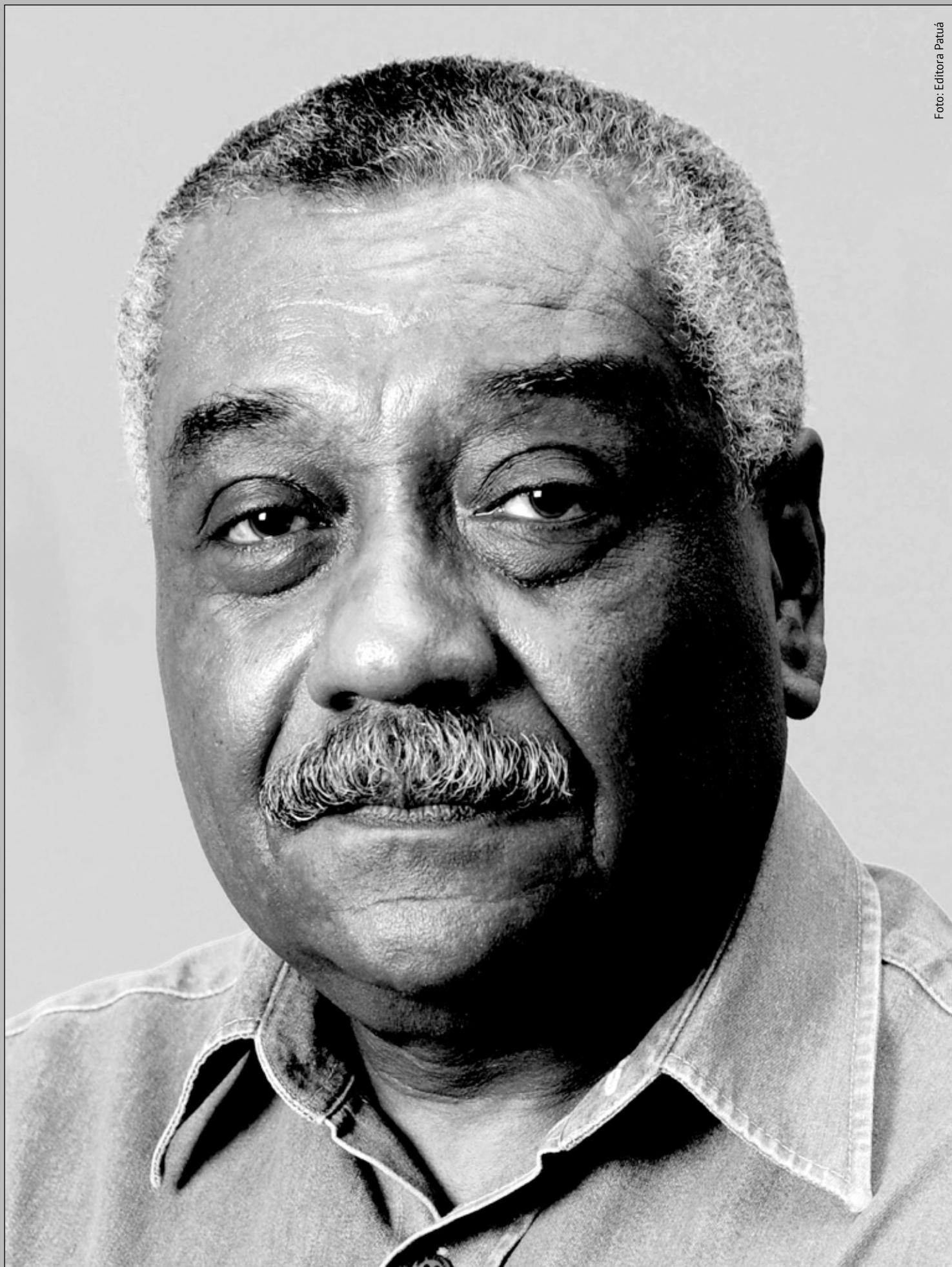


Foto: Editora Patuá

Carlos Machado, jornalista e poeta, nasceu em 1951 em Muritiba (BA).

É um livro regido
pela interdição. É
o interdito, é a
palavra “não” dirigida
à protagonista que faz
girar o motor reflexivo
e lírico. É sob o signo
da negação que a mulher
se torna o ser do qual
nada foi descoberto.

olha para trás.

Interessante notar que em alguns poemas, como no intitulado *Pré-sal*, o poeta traz a atualidade política e econômica brasileira no jogo sutil da sugestão. O leitor sabe que a desigualdade, a injustiça, o silenciamento e a expropriação são também do presente.

A mulher de Ló é um livro regido pela interdição. É o interdito, é a palavra “não” dirigida à protagonista que faz girar o motor reflexivo e lírico. É sob o signo da negação que a mulher se torna o ser do qual nada foi descoberto. Da interdição de todos os direitos, inclusive do direito à identidade – da mulher de Ló espera-se que não se saiba nada além do fato de que ela era “de” alguém, errou e foi punida – é que se passa a outra desobediência. Se aquele que foi calado não pode dar seu próprio testemunho, a literatura o fará.

Agora, descoisificada, transformada em pessoa, ser com desejos, medos, coragem, história, é possível perguntar-se sobre os motivos que talvez a psicanálise ajudasse a responder: “*Por que olhaste para trás?// Fundo é poço da mente/ e mais obscuro ainda/ o oceano dos desejos.*”. Quais forças misteriosas levaram essa mulher, no seu momento de extrema solidão, a desobedecer a ordem divina? Simples curiosidade? Saudades da casa? Amigos queridos ardendo no fogo? Gritos, choro de crianças? Seu sentimento materno de protegê-las? Lembranças de tudo que deixava

para trás? Desobediência civil? Vontade definitiva de desistir? Preferir a morte a seguir com o marido?

Em vários poemas, Carlos Machado sugere que a resposta está contida na personalidade da mulher, antes de ser apagada a sua memória. *A mulher de Ló* é a fêmea insurgente, é aquela longe do desejo “*apetecível/ como/ pão de ló*”. *A mulher de Ló* está mais para Lilith, as sufragistas ou Marielle Franco. Insurgente, é provável que não tenha recebido a sentença apenas pelo fato alegado. Por que a mulher de Ló incomodava tanto? Na terrível caminhada para a morte, certamente sabia de todo o peso que carregava. Será que teve uma premonição? A injustiça divina não poupou nem mesmo as crianças ou os animais. Carlos Machado pergunta, reincidentemente, que pecados cometeram: “*Os bebês de Sodoma/ eram todos devassos?*”.

Após a transformação da mulher de Ló em estátua de sal, as filhas seguem até as montanhas com o pai. Os escribas contam que elas o embebedaram e com ele tiveram filhos, para assegurar descendência. Ló, filhos nascidos, de nada desconfia? São das mulheres o dolo, o artil e o vinho? A quem interessa oferecer aos homens atenuantes e às mulheres agravantes? Por que não nomearam também as filhas de Ló?

A maledicência da vizinhança não fica de fora. Carlos Machado imagina a boataria que quer culpar antes de saber: “*Essa mulher,/ se foi condenada assim,/ alguma coisa ela fez,/ algum crime cometeu.*” O tribunal divino é o mais autoritário possível, tribunal de rua que também conhecemos em nossa sociedade: ali mesmo se prende, julga sem contraditório e executa. Sob o pálio da justiça nenhuma, a mulher de Ló é condenada e assassinada sumariamente. Não há sequer tempo para uma mínima explanação de seus motivos.

Por fim, a que o poeta nos conduz é a um cenário de guerra. A opressão máxima não permite saídas. *A mulher de Ló* é poesia de destruição, quer destruir o destruidor, ouve a voz dos silenciados, vai ao inferno, nos conta e nos interroga.

ADRIANE GARCIA

é mineira de Belo Horizonte. Publicou os livros *O nome do mundo* (Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (2015) e *Embrulhado para viagem*, na Coleção Leve um Livro, 2016.